



**RODRIGO SOLANO** (Penafiel 27-03-1879 e Porto 21-07-1910) Desde cedo viu o seu talento poético reconhecido entre os cenáculos literários que frequentou em Viana do Castelo, onde foi professor do Liceu durante breve

período, e sobretudo no Porto, onde exerceu a atividade de jornalista em vários periódicos. Os seus poemas e traduções encontravam-se dispersos no momento da sua morte. Em 1915, a *Renascença Portuguesa* reuniu-os no volume *Fumo* com prefácio de João Grave, sendo este volume reeditado em 2010 pela Câmara Municipal de Penafiel. Essa reedição incluiu ainda outros textos da sua autoria, entretanto recuperados. Jaz atualmente no Cemitério da Lapa, na cidade do Porto, no jazigo de Freitas Fortuna, o mesmo que Camilo Castelo Branco escolheu para sua sepultura. A sua poesia revela o compromisso entre um rigoroso aprumo formal e um lirismo subjetivo que colhe nas mais influentes experiências estéticas oitocentistas muitos dos seus temas e imagens. Por Francisco Saraiva Fino

## COMPRIMIDO II

Num ai de luz profundo e soluçante,  
Resvala ao mar o sol, como um guerreiro  
Que, ferido dum gládio traicoeiro,  
Na arena cai, vencido, agonizante.

O coração ferido e palpitante!  
Sol! meu irmão na dor, meu companheiro!  
Fiz-nos irmãos o ideal, um ahaireiro  
Orgulho e uma amargura semelhante.

Mas ai! eu morto, solitariamente,  
Sem que por mim chore a de tranças belas,  
E, ó Sol! na tua hora derradeira,

O mar soluça inconsolavelmente,  
A noite verte o pranto das estrelas  
E veste luto a natureza inteira.

Julho de 2015  
Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

**A BULA**<sup>®</sup>  
Comprimidos Literários

Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

Cat a luz do luar da casa dela em torno,  
Cat a luz do luar como um véu d'escumilha.  
Dentro, um perfume intenso e calido a baunilha  
Enche-nos dum torpor estonteante e morno.

Nua, sobre um coxim, livre do último adorno,  
Ela do corpo ostenta a régia maravilha.  
E cada morto espelho anima-se, rebilha,  
Voluptoso, ao ver-lhe a linha do contorno.

E enquanto que ela dorme em sonhos infáveis,  
A luz que a beija expando as formas  
[impecáveis,  
Numa lassidão, um languido abandono,Nas sombras do jardim, o vento que esvoaça  
Gemente e a água caindo em pétolas na taça,  
Combinam a canção que há-de embalar-lhe o  
[sono.

## COMPRIMIDO I

## COMPRIMIDO III

Na trapeira que dá para uns telhados  
Mora um poeta. Outrora, calmo e isento  
De loucas ambições ou de cuidados,  
Cantava a luz, os sons, os firmamentos.

Porém, a d'olhos doces e rasgados  
Riu-se da sua cabeleira ao vento,  
Dos seus sapatos rotos e cambados...  
E ele chora num grande isolamento.

Não ria assim, ó pérfida vizinha!  
Ah! quem lhe dera o singular tesoiro  
Daquele seio, largo mar sem fundo.

Não ria! Quem lhe dera ser rainha,  
Ter um ceptro, coroa e trono d'oiro  
Naquele coração que vale um mundo!

## COMPRIMIDO V

*Amor*

Todos d'Amor se queixam! Desgraçada  
Criatura a que nele confiar.  
O que é o Amor? É fauce escancarada  
D'escuro pego. O Amor semelha o mar.

Em galera das ondas, balançada  
Vamos, cantando ao sol, cantando ao luar,  
Mas sobrevém a ríspida lufada,  
Tomba a galera e arroja-nos ao mar.

Eu também já no meu batel de flores  
Andei por sobre as águas navegando,  
A rir, fiado no seu ledro engano.

Vítima fui dos seus cruéis rigores...  
Não mais no meu batel irei cantando  
Ao mar do Amor que só me causou dano.

## COMPRIMIDO IV

*Soneto romântico*

Éramos sós no velho parque. O manto  
Do luar, por entre a densa ramaria  
Desprendendo alvas rendas, envolvia  
Teu belo rosto num supremo encanto.

- Eis-me, sou tua enfim – disseste. E entanto,  
Unindo-te ao meu peito que batia,  
Por entre beijos, pomba, eu te dizia:  
Há quanto tempo eu te esperava, há  
[quanto!...

Um rouxinol cantava. Extasiados,  
Sentidos, almas, corações fundidos,  
Largo tempo ficámos abraçados...

E pelo azul os astros imortais,  
Os olhos d'ouro para nós descidos,  
Abençoavam nossos sponsais.

## COMPRIMIDO VI

*No sonho*

Quando ao vinho da Dor que o embebeda  
Meu coração, sem forças, adormece,  
Sonho que um génio benfazejo desce  
E coisas nunca ouvidas me segreda.

E à sua voz macia como seda  
Minh' alma ressequida reverdece  
Como um lírio que o rócio humedecesse  
E abre-se toda perfumada e leda.

Beijos sem conta! intérminas carícias!  
Inolvidáveis, únicas delícias!  
Vozes de amor de lábios virginais!...

Ah! quem não despertara! quem pudera  
Sonhando, viajar a vida inteira  
Na região das coisas irreais!

## LONGE

Num parque umbroso onde o silêncio mora,  
Sei dum castelo sumptuoso e antigo  
Aonde, qual romântico d' outrora,  
Desejaria ir habitar contigo.

É num pais lendário, triste, ideal,  
Que o mar cantando embala sonolento  
E de que sempre o pôr-do-sol violento  
Se despede num ósculo outonal.

Os brasões campeando sobre as portas,  
Velhas panópias, tudo na memória  
Se enche de viva cor, reanima a história  
Dum passado esplendor d' épocas mortas.

Giriam pavões nas árvores frondentes,  
E além passam do bosque nas arcadas  
Sombras, visões, antigas cavalgadas  
Ao ressoar das trompas reluzentes.

Nesse parque de sonho, sem igual,  
Ó grande alma exilada d' outras eras,  
Havias de acordar entre quimeras  
Num mundo extinto – o teu país natal.

E percorrendo as salas desoladas,  
Onde pendem retratos dos avós,  
Ouvirias as coisas apagadas:  
Que as coisas mortas falam, têm voz.

E então, as tuas pomas, aninhadas  
Entre rendas macias como arminho,  
Haviam de tremer, como em seu ninho  
Treme um casal de rolas assustadas.

E só então nossa alma cismadora  
Verá quebrada a pedra ao seu jazigo  
E terá sol – nesse castelo antigo,  
No velho parque onde o silêncio mora. –

E hás-de sentir do amor o vivo anseio...  
E hão-de florir as rosas do meu horto,  
E há-de pulsar-me o coração no seio  
Andorinha voando num céu morto.